

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.dfr@dabr.com.br

Não mordam a isca!

Diplomatas experientes em negociações difíceis apelam aos parlamentares brasileiros para que não caiam na armadilha de misturar a assinatura do acordo Mercosul-União Europeia com as salvaguardas aprovadas pelos europeus em suas instâncias legislativas. As salvaguardas, que podem atrapalhar as exportações do agro brasileiro para a Europa, não fazem parte do acordo, e tem muita gente apostando que vieram justamente para embolar o meio-campo até a aprovação final dos documentos assinados entre os dois blocos econômicos.

Uma coisa de cada vez

Os diplomatas sugerem que os parlamentares e o setor do agronegócio foquem na bola que está em jogo, ou seja, a assinatura do acordo. Quando estiver tudo feito, assinado e aprovado, aí, sim, será o momento de discutir as salvaguardas.

Escolha difícil

O retorno do projeto de lei antifacção à Câmara expôs o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), a uma decisão que tem tudo para impactar no caminho que trilhará rumo a 2027. O governo não quer o deputado Guilherme Derrite (PP-SP) na função de relator. Derrite, porém, aguarda a nomeação na certeza de que é de praxe o projeto voltar para o mesmo relator depois de ser modificado pelo Senado.

Deixa que eu seguro

A terceiros, o deputado Guilherme Derrite teria confidenciado que achou alguns pontos do relatório do Senado interessantes, por exemplo, a criação de um fundo específico para a segurança pública, custeado com uma nova tributação em cima das casas de apostas, as bets. Resta saber se Motta agradecerá o governo, trocando o relator, ou manterá Derrite, fazendo um aceno ao PP de Ciro Nogueira e ao Republicanos de Tarcísio de Freitas. As apostas são as de que Motta já acenou ao governo, votando logo a medida provisória do Gás do Povo. Chegou a hora de agradecer o outro lado.

6X1 e o ganha-ganha de Lula

Os principais articuladores do presidente Lula que participaram do evento do partido em Salvador avaliam que não há cenário capaz de representar uma derrota ao petista no quesito redução da escala 6X1 para os trabalhadores no Brasil. Se o projeto for a votos, e o governo perder, Lula ficará com o discurso a favor do povo, deixando para os congressistas o desgaste junto à classe trabalhadora, em especial, no comércio. Se ganhar, levará mais uma vitória para a campanha. Se houver um adiamento para análise depois das eleições, Lula terá essa bandeira a desfraldar de julho a outubro.

» » »

Em 2022, o candidato do PT fez uma campanha semelhante com a isenção de Imposto de Renda para quem recebe até R\$ 5 mil, e deu certo. Este ano, a medida começou a valer. Agora, será a vez da redução da escala de trabalho 6x1 ocupar esse espaço na avenida eleitoral.



CURTIDAS

O medo do PT/ No evento de Salvador, neste fim de semana, os petistas expuseram o receio da interferência dos Estados Unidos na eleição brasileira. A avaliação é a de que é preciso manter uma relação institucional com o governo de Donald Trump a fim de evitar problemas.

Alan Santos/PR



O ânimo do PT/ No cenário internacional, o partido de Lula considera, ainda, que o discurso de que Eduardo Bolsonaro (foto) havia defendido o tarifaço em cima das exportações brasileiras pode servir para se contrapor a qualquer interferência externa.

“Petista, eu?” I/ Dia desses, ao chegar ao cafezinho do Senado trajando um blazer vermelho, a senadora Damares Alves (Republicanos-DF) encontrou o ex-senador Paulo Rocha (PT-PA). “Minha assessora! Finalmente veio para o PT, já está até usando o vermelho!”, brincou Rocha.

Petista, eu? II/ Quando ainda nem sonhava com um mandato parlamentar, Damares assessorava Josué Bengston (PTB- PA), que a designou para acompanhar as reuniões da bancada paraense, coordenada por Paulo Rocha. Agora, sempre que a encontra, eles dão risada com a história de “assessora do petista”.

ELEIÇÕES

Sem pistas sobre o futuro

Haddad lança livro em São Paulo, mas evita qualquer comentário sobre a saída da Fazenda nas próximas semanas

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, lançou ontem, em São Paulo, seu livro *Capitalismo superindustrial*. A obra retoma parte do trabalho acadêmico do ministro sobre a economia da União Soviética para apontar “caminhos diversos” para um capitalismo que gera cada vez mais desigualdade, segundo sua avaliação.

O evento, realizado no Sesc 14 Bis, na região central de São Paulo, teve um bate-papo que, além de Haddad, contou com as presenças da antropóloga Lília Schwarcz e do sociólogo Celso Rocha de Barros.

Durante suas falas, Haddad se limitou a comentar sobre as discussões presentes no livro, sem qualquer menção à atuação recente na política ou indicações sobre o seu futuro, já que ele deve deixar a pasta nas próximas semanas. Ao término do evento, também não houve falas à imprensa.

Ao relemburar o início da sua trajetória acadêmica, Haddad se emocionou e disse que, antes de entrar na faculdade de Direito da USP, tinha lido poucos livros. “Sou filho de uma pessoa que nunca frequentou uma escola. Meu pai veio do Líbano com 24 anos e na condição de lavrador de camponês, que casou com

Rovena Rosa/Agência Brasil



Haddad participou de um bate-papo para o lançamento do livro “Capitalismo superindustrial”, no Sesc 14 Bis, na região central de SP

uma normalista e se transformou em uma dona de casa. Até entrar na faculdade de direito, eu nunca tinha lido um livro que não fosse necessário para passar no

vestibular”, relembrou o ministro, dizendo que foi a “efervescência” dos debates na época da faculdade que o fez tomar gosto pela leitura.

“Comecei a ler desesperadamente para aproveitar a faculdade”, disse o ministro. Haddad pontuou que “nunca curtiu” a União Soviética e que por isso decidiu

estudar as obras mais ligadas aos ideais socialistas, para poder debater melhor a experiência soviética. “E eu fiquei: os caras estão fazendo aquilo na União Soviética em

nome de Karl Marx? Tem alguma coisa confusa acontecendo. Esse cara aqui Marx não pode ter gerado uma experiência tão autoritária quanto àquela”.

Fernando Haddad, ministro da Fazenda

Nikolas pretende se concentrar em MG

» ANA MENDONÇA

O deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) afirmou que não faz parte do planejamento de uma eventual campanha presidencial do senador Flávio Bolsonaro (PL) e indicou que pretende concentrar sua atuação em Minas Gerais no

primeiro turno das eleições de 2026. A declaração foi dada em entrevista ao podcast Café com Ferri, transmitido pelo YouTube. Ao comentar a possibilidade de se envolver na campanha nacional, o parlamentar disse que não participará da estratégia. A fala ocorre em meio às articulações do PL para a montagem

de palanques estaduais e a definição da estratégia nacional do partido para a disputa presidencial de 2026. Em Minas, o cenário da direita segue em aberto, com diferentes nomes sendo cogitados para a corrida ao governo. Nikolas afirmou que seu foco está na reeleição para a Câmara e

na construção de base política, o que contraria os planos de parte do PL de lançá-lo como candidato ao Executivo mineiro. A possibilidade de Nikolas entrar na disputa é defendida por setores do partido e pelo senador Flávio Bolsonaro (PL), dentro da estratégia nacional da sigla de ter candidatos

próprios e o número 22 nas urnas em todos os estados. A movimentação, porém, tem gerado incerteza na direita mineira, especialmente entre aliados do vice-governador Mateus Simões (PSD), que tenta se viabilizar como sucessor do governador Romeu Zema (Novo). “Não vou ser candidato a

governador. Descartei essa possibilidade. Qualquer pessoa que estivesse no meu lugar, pensando só em eleições, iria. Mas não estou pensando só em eleição. Para encerrar isso, não basta só competência, tem que criar uma base de secretários, deputados estaduais, prefeitos, vereadores”, afirmou.